

# Jogo teatral... deseja-se!

José Oliveira Barata

**Isabel Alves Costa, *O desejo de teatro: O instinto do jogo teatral como dado antropológico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 519 pp.**

Não imagino quantos intervenientes na prática teatral na escola terão lido, em 1997, a tese de doutoramento de Isabel Alves Costa apresentada em Paris e discutida por reconhecido júri universitário. Não me atrevo, igualmente a imaginar quantos serão os leitores de *O desejo de teatro: O instinto do jogo teatral como dado antropológico*, entretanto publicado na colecção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas da Fundação Calouste Gulbenkian. Porém, se dos mil exemplares indicados como tiragem, metade chegasse aos destinatários certos, não tenho dúvidas de que uma espécie de "boa nova" abençoaria certos espíritos, iluminando-os para o mundo do "brincar", do "faz-de-conta", de forma estruturada, contribuindo para organizar um pensamento cientificamente alicerçado, assim se esbatendo a costumeira repetição de banalidades bebidas em vulgatas que percorrem (infelizmente ainda!) o discurso sobre a pedagogia do teatro e do acto teatral.

O trabalho de Isabel Alves Costa ganha particular relevo, desde logo, por se apoiar numa longa prática que, precedendo o trabalho de reflexão, lhe confere solidez bastante para aferir a eficácia das reflexões teóricas operatórias que a autora, com notável clareza, largamente nos expõe.

Trabalho não dogmático, mas de um rigor e travejamento teórico sólido, assumidamente "construtivista-interacionista piagetiano", em que teoria, prática e pedagogia surgem claramente referenciados na citação dos autores essenciais que enformam o eixo expositivo da autora: Henri Wallon, Vygotsky, Philippe Malrieu, Bateson; Freud, Erikson, Winnicot, Hans Zulliger, João dos Santos, Robert Gloton, Francine Best, Madeleine Goutard e Adalberto Dias de Carvalho (p. 28).

O trabalho de Isabel Alves Costa visava essencialmente – ao tempo – clarificar o desnorte epistemológico perante a progressiva importância que o teatro adquiria nos *curricula* das nossas escolas primárias e secundárias. Como muitas vezes acontece neste rectângulo lusitano, nem sempre se acautela a necessária articulação entre a teoria pedagógica e a sua projecção prática. Não foi seguramente por acaso que se assistiu ao "triunfo do improvisado", sobretudo por parte dos que, aceitando acriticamente qualquer modelo teórico, satisfiziam as necessidades da inscrição curricular de um novo universo pedagógico. Lucidamente, Isabel Alves Costa alertava para os perigos de uma aceitação irreflectida de noções que implicam pressupostos psicológicos, pedagógicos e estético-teatrais não redutíveis, na prática, a facilidades simplificadoras.

>

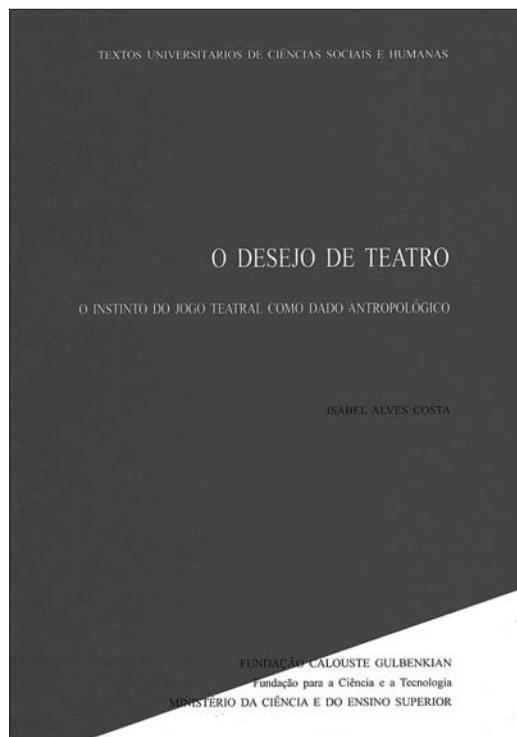
*Pinocchio*,

dir. Dale Rooks,

Chichester Festival

Youth Theatre, 2003,

fol. Mike Eddowes.





<  
*Amor de Don Perlimplín  
 con Belisa en su jardín,*  
 de Federico Garcia Lorca,  
 enc. António Augusto  
 Barros,  
 A Escola da Noite / TAGV,  
 2002 (Sofia Lobo  
 e António Jorge),  
 fot. Augusto Baptista.

A primeira razão é que, nestes últimos anos, os profissionais de teatro, os animadores e os educadores fizeram explodir a noção de teatro feito pelas crianças transformando-a em práticas com diversas nomenclaturas: jogo dramático, expressão corporal ou dramática, animação teatral, teatro na escola, práticas dramáticas, etc. e nos anglófonos, drama (*creative, developmental, educational*). E na minha opinião, cada uma destas noções enferma dos princípios teóricos que são, as mais das vezes, contraditórios, até antagónicos, entre si. (p. 207)

Livro apaixonado, de uma clara e evidente empatia da autora pelo objecto estudado; também um livro por onde perpassam os afectos da autora. Mas também de todos os que inquiridos sobre o despontar do "desejo do teatro" se revelam na mais pura e cândida nostalgia de ser criança nos "passeios pela memória" que enriquecem o trabalho na sua conexão com os pressupostos teóricos de que parte Isabel Alves Costa.

Servido pela bibliografia essencialmente francesa que, também entre nós, surgiu traduzida, o trabalho em apreço ganharia, porém, em minha opinião, em reordenar o seu conteúdo orgânico. Penso evidentemente na sua publicação hoje. Penso, mais exactamente, no leitor que necessite e procure neste livro referências para a discussão metodológica sobre o "jogo", o "faz de conta" ou o valor "denegacional" que Anne Ubersfeld começava a teorizar.

São reflexões informadas que ganhariam maior relevância reflexiva se agrupadas num momento específico do trabalho. Esta reflexão percorre todo o livro, é certo. Mas também não é menos certo que, muitas vezes, a sistematicidade estrutural deste estudo surge prejudicado na sua consistência teórica por elementos retirados do trabalho de campo que Isabel Alves Costa reuniu e que, pela importância de que se revestem, não há que excluir. Talvez apenas re-arrumar como surge no final deste assinalável contributo com os Anexos.

Compreende-se no entanto a estratégia seguida. Sabemos e compreende-se que Isabel Alves Costa dá testemunho comprometido da marcha da sua investigação. Dai resulta a harmonia fragmentada da exposição. Quem percorrer atentamente este *Desejo de teatro* facilmente compreenderá como tem entre mãos um trabalho sensato, rigoroso, que, não pactuando com modas conceptuais, exige aos educadores um acrescido esforço para perceber que o *homo ludens*, que pelo jogo interpreta e refaz poeticamente o mundo, só tem cabal interpretação quando estudado na compreensão de sólidos quadros culturais. Ou, como diz Huizinga em profética declaração de 1938, assumindo que o "jogo é mais antigo que a cultura".